

2009 – REVISTA/MAGAZINE – JORNAL ARQUITECTOS

TELES GRILLO, Maria João (2009) "Mundos Emergentes – Outras Urbanidades", in Jornal Arquitectos, nº 236, pp. 110-115 – Ordem dos Arquitectos Portugueses, Lisboa

TELES GRILLO, Maria João (2009) "Emerging Worlds - Other Urbanities", in Jornal Arquitectos, nº 236, pp. 110-115 - Order of Portuguese Architects, Lisbon

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24413/1/JA%2000-12%20-%20Joana%20Melo.pdf>

J.A

236

WWW.JORNALARQUITECTOS.PT
JORNAL ARQUITECTOS
PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA ORDEM
DOS ARQUITECTOS - PORTUGAL
JUL / AGO / SET. 2002
€ 10,00



SER
PO
BEIRAO
DO



CARLOS VELOSO | INÊS LOBO | MENOS É MAIS

DOMUS SOCIAL | MGM ARQUITECTOS

E-STUDIO | FERNÃO LOPES SIMÕES DE CARVALHO

MANUEL GRAÇA DIAS e ANA VAZ MILHEIRO entrevistam FILIPE BALESTRA

CARLOS GARCÍA VÁZQUEZ | HANS FREI

OUTRAS URBANIDADES

OTHER URBANITIES

POR BY MARIA JOÃO TELES GRILLO

ARQUITECTA (METAPOLIS.PAC@GMAIL.COM)
ARCHITECT

When one speaks of the conditions and causes of the rapid globalisation process one must also speak of the capillary action-like growth of the common problems in metropolitan cities in three-quarters of the world – those human honeycombs that are homes to millions of people, of whom a significant percentage in all of them live in increasingly growing structural poverty.

These worlds are not emerging, what is emerging is our increasingly sensitive perception (due to increased familiarisation) of the physiological and morphological alteration of the cell, the organ, the systems... of the urban organism. We have new genetic materials with which to build the city.

The serious problems and challenges we now face are a worldwide phenomenon. Looking out the window here in Luanda, a place where beauty and horror live side by side, awareness of the asymmetric world we live in invades us daily, without anaesthetic, like an alert that keeps the cities in developing countries awake. In a world sometimes perceived as meaningless and gratuitous, anxiety for the shock or surprise effect characterises the life of a metropolis, giving it a new value: defamiliarisation as opposed to familiarisation and the sense of security it provides.



Luando © JA

In an era of reproduction, the conventional structure-building and covering techniques reflect the superficiality and precariousness of our media-driven culture. Exchange and transaction are values that seem to meet new needs created. Accepting that argument means that any work is transactionable, with the same detachment with which we might change the wall covering in a bedroom.

The shock effect, the impact, is the direct opposite of the nostalgia of permanence and authority, both in culture

Falar dos condicionalismos de uma globalização rápida é falar da capilaridade das problemáticas cada vez mais comuns em cidades metropolitanas de três quartos do mundo, alvéolos humanos que albergam milhões de pessoas, com percentagens significativas, em todas elas, de uma pobreza estrutural cada vez mais alargada.

Não são os mundos que são emergentes, mas a nossa percepção mais sensitiva (porque mais familiarizada com...) da afectação fisiológica e morfológica da célula, do órgão, dos sistemas... do organismo urbano. Há novos materiais genéticos com que se faz cidade.

Os graves problemas e os desafios com que nos debatemos são mundiais. Olhando pela janela, em Luanda, um lugar onde a beleza e o horror convivem de mãos dadas, a consciência do mundo assimétrico invade-nos diariamente e sem anestesia, como um alerta que não deixa adormecer as cidades dos países em desenvolvimento. Num mundo sentido por vezes como insignificante e gratuito, a ansiedade pelo efeito de choque, de surpresa, caracteriza a vida da metrópole, acrescentando-lhe um novo valor: a desfamiliarização em contraste com a familiarização e o sentido de segurança, advindo dela.

Na era da reprodução, as técnicas convencionais de construção de estruturas e de revestimento, correspondem também à superficialidade e à precariedade da cultura mediática. Troca e transacção são valores presentes que parecem satisfazer novas necessidades criadas. Aceitar essa lógica significa que qualquer obra é transaccionável com o mesmo desprendimento com que mudamos o revestimento interior de um quarto.

O efeito de choque, o impacto, opõe-se à nostalgia da permanência e da autoridade, tanto na cultura em geral como na cidade. Esta manifestação de mudança não deve ser entendida necessariamente de uma forma negativa. Na arquitectura, significa uma debilitação desta disciplina como forma de dominação, poder e autoridade. A contaminação de todas as categorias e as suas substituições constantes, a fusão dos géneros têm sido utilizados em benefício próprio ou da reutilização da arquitectura.

Se a arquitectura é, simultaneamente, conceito e experiência, espaço e uso, estrutura e imagem superficial, então talvez se ganhasse em fundir os géneros, combinar programas e espaços num novo conceito de programação cruzada. O conceito moderno de relação hierárquica de causa-efeito entre função e forma – do desenho para resolver as nossas necessidades – é oposto às inesperadas combinações da realidade urbana actual. As novas definições passam pela combinação de conceitos heterogéneos e incompatíveis.

Não há arquitectura sem acontecimentos, nem arquitectura sem acção, nem actividades sem funções. A cidade, esta, faz-se da combinação dos espaços, acontecimentos, movimento, interacção/transição entre público e privado, sem hierarquia entre esses conceitos.

A heterotopia, como conceito actual, é contrária à defesa de uma utopia unificada, e fala de terrenos de acção múltiplos, fragmentados e deslocados. Talvez a arquitectura se encontre numa situação ímpar. É a única disciplina que, por definição, combina conceito e experiência, imagem e uso, imagem e estrutura. Os filósofos podem escrever,



Largo do Kizama/Bogotá, 2007 © Alex Belovov

os matemáticos podem desenvolver espaços virtuais, mas os arquitectos são os únicos que estão prisioneiros desta arte híbrida em que a imagem não existe praticamente sem uma actividade combinada. E, apesar da resistência em questionar as suas estruturas e fundamentos, este poderá ser o campo onde se operem as maiores transformações neste século que começa. A mesma heterogeneidade na sua definição acompanha a transformação de nós mesmos.

A substituição e a reformulação dos diferentes elementos da arquitectura, muitos deles derivados, ou a súmula das inquietações sociais contemporâneas, podem conduzir-nos a soluções ou a hipóteses de soluções. Não creio que essas tentativas passem pelos projectos que formalmente tentem redesenhar estruturas tradicionais, mas em desenhar as condições que tornem possíveis essa realidade social não hierarquizada e não tradicional, de modo a que a nossa acção se converta na experiência da cidade real que vivemos.

Luanda, Cidade do México, Lagos, Nova Deli só são aparentemente caóticas. Porque, ao contrário da ideia geral e negativa sobre a megaciudadade, são sinónimo de uma nova estrutura urbana, uma nova urbanidade. Importa perceber as suas confrontações e combinações de elementos, e encontrar as lógicas internas das suas vidas paralelas, onde estão implícitas regras, outras regras, não oficialmente aceites como politicamente correctas. É lá que está o cerne da mudança, do ponto de inflexão da cultura e da sociedade que os poderes insistem em considerar como o negativo de um filme cujas imagens reproduzem a ficção da cidade tradicional.

Estima-se que a percentagem de pessoas excluídas do mercado formal da terra, da habitação e dos circuitos económicos no mundo inteiro seja de 40 por cento. Nos países desenvolvidos 15 a 17 por cento das populações urbanas vive fora dos sistemas convencionais dos mercados. Em Luanda, Bogotá, Cidade do México, Nova Deli, 80 por cento do mercado económico e de habitação é desenvolvido por canais informais e urbanizações-pirata, o que prova que o sector público, privado e o privado informal movimentam e orientam os seus esforços em direcções divergentes.

Esta cidade informal não é transitória, veio para ficar e constitui um fenómeno urbano com identidade própria que requer formas específicas de intervenção. Em Luanda, quatro quintos da cidade vive na cidade informal, da cidade informal e para a

in general and in the city. This manifestation of change should not necessarily be seen as something negative. In architecture it signifies a debilitating effect on the discipline as a form of dominance, power and authority. The contamination of all categories and their constant replacements and the fusion of the genres have been used to the benefit of, or the reused by architecture.

If architecture is simultaneously concept and experience, space and use, structure and superficial image, then perhaps one would gain by fusing the genres, combining programmes and spaces in a new concept of crossed programming. The modern concept of the hierarchical cause/effect relationship between function and form—of design serving to resolve our needs—is out of line with the unexpected combinations of current urban reality. The new definitions combine heterogeneous and incompatible concepts.

There is no architecture without event, nor architecture without action, nor activities without functions. The city is made from the combination of the spaces, events, movement, interaction/transition between public and private, with no hierarchy between those concepts.

As a current concept, heterotopia opposes a unified utopia and refers to multiple, fragmented and dislocated fields of action. But architecture perhaps finds itself in a unique situation. It is the only discipline that, by definition, combines concept and experience, image and use, image and structure. Philosophers may write, mathematicians may develop virtual spaces, but architects are the only ones who are prisoners of this hybrid art in which the image practically does not exist without combined activity. And, despite the resistance to questioning its structures and foundations, it could be the field in which the greatest transformations in this still young century will be carried out. The very heterogeneity of its definition reflects the transformation of us ourselves.

The replacement and reformulation of the different elements of architecture, many of them derivative, or the condensation of contemporary social concerns, can lead us to solutions or to hypothetical solutions. I don't believe that the way to go in these endeavours is to formally try to redesign traditional structures; but instead to seek to design the conditions that this non-hierarchised and non-traditional social reality make possible, so that our action converts to the experience of the real city that we live.

Luanda, Mexico City, Lagos and New Delhi only appear to be chaotic. Contrary to the general negative notion people have of the mega-city, it is synonymous for a new urban structure, a new urbanity. It is important to understand how it confronts and combines elements and to find the internal logics of the parallel lives in theme, for which there are implicit rules, i.e. different rules, not those officially accepted as being politically correct. That is where the real core of change is to be found, the point of inflection for culture and society that the powers insist on seeing as the negative of a film that reproduces the fictional images of the traditional city.

It is estimated that the number of people excluded from the local formal markets, from housing and the economic circuits in the whole world amounts to 40 per cent. In the developed countries, 15 to 17 per cent of the urban populations live outside conventional market-based systems. In Luanda, Bogota, Mexico City and New Delhi, some 80 per cent of the economy and the housing market

operates via informal channels and illegal developments, which shows that the public, private and informal private sectors gear their efforts in different directions.

This informal city is not transitional; it is here to stay and is an urban phenomenon with its own identity and requiring specific forms of intervention. In Luanda, four-fifths of the population live in the informal city, from the informal city and for the informal city. Understanding its mechanisms of social and economic development goes way beyond simple accounting and macro-economics.

This new city, a worldwide presence, characterised by a new form of social interaction that developed over the last 30 years, is even expanding into wealthy urban nuclei. This is not the information society or the communication society; it is a different type of society where the components have been altered: labour, production, trade, money, writing, body image, notion of the territory and memory. These new relationships break through the territorial boundaries of the classic cities and states, giving rise to a new global form of organisation that is difficult to represent on plans and maps because it is an immaterial reality.

The new metropolis is a city without a defined territorial context and its basic structure is the network of individuals. This new city superimposes itself on our towns and cities without destroying them physically; it is based on the concept that the phenomenon of distribution constitutes the real core of contemporary urban culture.

The metropolises are the experimental field where the material and immaterial, physical, informational and symbolic flows are intricately connected, have distributive value - not as in a highway or a telephone, but in the juxtaposition of multiplicities, demonstrating that the reality in which we live is based on networks that constantly produce interconnections, for which the idea of a road or channel is reductive and insufficient.



Luanda © JA

Circulation, exchange, intersections, movement, transaction and, always, transition. This is why the technological infrastructure is also vital to the planning of the city. Housing, particularly in the big city, will continue to be, in quantitative terms, the most important issue for architects and architecture, given that it is a central socio-political problem.

cidade informal. A compreensão dos seus mecanismos de desenvolvimento económico e sociais está para além da contabilidade e da macroeconomia corrente.

Estas novas cidades, de carácter global, caracterizadas por uma nova forma de interacção social, que se desenvolveu nos últimos 30 anos, tende a expandir-se mesmo aos núcleos urbanos ricos. Não se trata de uma sociedade de informação nem de comunicação, mas de um outro tipo social onde as componentes foram alteradas: o trabalho, a produção, o comércio, o dinheiro, a escrita, a imagem corporal, a noção do território e a memória. Estas novas relações rompem os limites territoriais das cidades e dos estados clássicos e geram uma nova forma de organização global, dificilmente representada em plantas, mapas, porque se trata de uma realidade imaterial.

A nova metrópole é uma cidade sem contexto territorial definido e a sua estrutura básica é a rede de indivíduos. Esta nova cidade sobrepõe-se às vilas, às cidades, sem as destruir fisicamente; assenta no conceito de que o fenómeno de distribuição constitui o verdadeiro cerne da cultura urbana contemporânea.

As metrópoles são o campo experimental onde os fluxos materiais e imateriais, físicos, informativos ou simbólicos, estão profundamente ligados, com valor distributivo, não como uma auto-estrada ou telefone, mas como a justaposição de uma multiplicidade, constatando-se que a realidade em que vivemos está assente em malhas que acumulam interconexões, perante as quais a ideia de via ou conduta é redutora e insuficiente.

Circulação, troca, cruzamentos, movimento, transacção e, sempre, transição. Por isso a infra-estrutura tecnológica é também vital no planeamento da cidade. A habitação, especialmente na grande cidade, continuará a ser, quantitativamente, o tema mais importante para os arquitectos e a arquitectura, como problema central de carácter sócio-político.



Rocha Pinto/Luanda, 2007 © Kiesen Gravella

Esta nova cidade tem vindo a mudar o conceito de casa, que se transformou metaforicamente em casa aberta, e que, além da sua ligação territorial, cultural e urbana, está também ligada, directamente, a outros pontos do planeta.

O futuro da cidade está relacionado com as transformações que se têm vindo a experimentar ao implantar em nossas casas uma série de conexões electrónicas que são o nosso interface com a cidade global, numa ambição inversamente proporcional à condição económica. (Rouba-se ou mata-se para ter um telemóvel!) Para uma percentagem mínima de população, o teledinheiro (cartões de crédito, transferências electrónicas, informação bancária); para grande parte, a tele-imagem (televisão, correio electrónico, vídeos, filmes, bases de dados) e o tele-som (telefone, rádio, discos compactos, gravações); estes artefactos tornaram-se elementos essenciais dentro da habitação, através de uma cultura altamente comercializada, cuja incidência nas características e qualidade

da habitação acabada ou permanentemente transformada, é decisiva. Com muito mais expressão do que as formas tradicionais de intervenção profissional dos arquitectos, estes novos elementos aparecem como partes decisivas na distribuição do espaço, na disposição das máquinas que ajudam o trabalho doméstico ou na definição do carácter simbólico que o utente quer atribuir à sua casa, como resposta às necessidades de identificação e gratificação estética, na mesma proporção que precisamos de janelas, portas, ruas, caminhos.



Maculusso/Luanda, 2007 © Kison Gouveia

A chave da revolução doméstica está na transformação da distinção clássica entre o domínio privado e público. Mesmo nas sociedades mais pobres, a televisão é disso exemplo: representa a invasão dos espaços privados pelas múltiplas representações da vida pública, invertendo e propondo novas formas de demarcação do íntimo, do privado e do público.

Os espaços de transição, como espaços de transacção permanente, ganham uma importância vital na hierarquia espacial da cidade e pressupõem uma grande transformação na estrutura produtiva. Grande parte do congestionamento das cidades advém da necessidade de nos deslocarmos fisicamente para trabalhar, comprar, tratar de assuntos administrativos. Os sectores económicos mais fortes poderão adaptar-se a uma produção, distribuição e consumo à distância, os sectores de uma economia de subsistência usarão os espaços de transição entre a casa e a rua como lugar privilegiado de venda, distribuição e consumo.

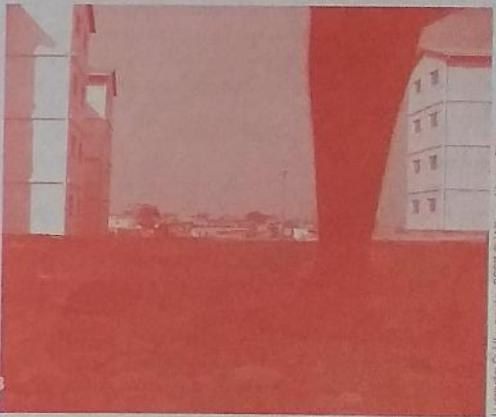
A percentagem de pessoas que desenvolverá parcial ou totalmente, a sua actividade laboral dentro das suas casas e próximo da residência crescerá nas próximas décadas. Nas classes altas, a população sairá à rua para se distrair e descansar nos lugares onde se produzem os acontecimentos da máxima intensidade estética. Para as classes baixas, numa clivagem cada vez mais acentuada, pessoas, bens, serviços, informação, circularão constantemente. Há aqui uma inversão fundamental do valor do espaço público e privado.

Há o regresso a épocas em que a casa era a unidade de produção económica. Hoje, até os escritórios e oficinas voltam ao domínio doméstico, como durante a revolução industrial. A actividade comercial está profundamente concentrada e é difundida a

This new city has been changing the concept of the house, which has transformed metaphorically into an open house and which, in addition to its territorial, cultural and urban ties, is also directly linked to other points on the planet.

The future of the city is connected to the transformation we have experienced by installing in our homes a number of electronic connections that are our interface with the global city, in a proportion that is at times contrary to the economic situation. (People will steal or kill for a mobile phone!) For a tiny percentage of the population, tele-money (credit cards, electronic transfers, bank information); and for a large percentage, the tele-image (television, electronic mail, videos, films, databases) and tele-sound (telephone, radio, compact discs, recordings) have become essential artefacts within the house, thanks to a highly commercialised culture that focuses in particular on the characteristics and quality of the finished dwelling or that in permanent transformation. Much more important than the traditional forms of professional intervention by architects, these new elements play decisive roles in the spatial distribution, in the placing of the machines that help with domestic work and in defining the symbolic character that the resident wants to give his house, in accordance with his needs in terms of identity and aesthetic gratification, in the same way he would do with windows, doors, streets and paths.

The key to the domestic revolution lies in the transformation of the classic distinction between the private and public domains. Even in poorer societies, television is an example of this: it represents the invasion of the private



Luanda Sul/Luanda, 2007 © Wilson Viana Dias

space by the multiple representations of public life, inverting things and proposing new forms of demarcation for the intimate, the private and the public.

The transition spaces, as spaces of permanent transaction, take on vital importance in the spatial hierarchy of the city and cause great transformation in the productive structure. Traffic congestion in the cities is largely the result of our need to travel to get to work, to do our shopping or take care of official matters. The stronger economic sectors will be able to adapt to tele-production, tele-distribution and tele-consumption; the sectors that make up the subsistence economy will use the transition spaces between the house and the street as the place of choice for sale, distribution and consumption.



Maculane/Luanda 2007 © Alex Belanov

constant circulation. Here we have a fundamental inversion of the value of public and private space.

We are witnessing a return to times in which the house was the unit of economic production. Today, even offices and workshops are returning to the domestic domain, where they were during the Industrial Revolution. Commercial activity is intensely concentrated in, and divulged from domestic spaces. The market, in its diverse forms, has invaded the house and transformed street and outdoor activities into domestic activities (a new physical and urban expression of working life) for a significant percentage of the urban population.

Private customs, the use of domestic time and the interaction between the people inside the house is contributing, with growing economic and social importance and perhaps also in a positive way, to the equilibrium of the metropolis. The transformation of time spent at home into working time is one of the major pillars of the economy of the new city.

Controlling this domestic sector, already perceived as an increasingly powerful economic sector, is one of the major new developments since the end of the last century. Luanda is an example of this. The internationalisation of domestic life has the great benefit of generating a fusion of habits and cultures amongst a significant percentage of the population.

From the cultural point of view, the house and its surroundings is where the biggest transformations have taken place. The circulation of televised representations of different cultural forms has generated a more complex and varied system of identification than is habitual in sedentary cultures; people now encounter a plurality of cultural forms inside their own home. Each individual can now "store", select and even reproduce the forms (from nature, social life, culture) that most attract them. This intrusion into the home, which affects urban populations the world over (with television increasingly reaching even the poorer homes) is articulated in various forms with the traditional systems of values, beliefs and social relations intrinsic to the local societies.

The huge number of undefined variables that come into play cannot be resolved with the same city control

partir de espaços domésticos. O mercado, nas suas várias expressões, invadiu as casas transformando a actividade da rua e da praça em actividades de âmbito doméstico (nova expressão física e urbana da vida laboral) para uma percentagem significativa da população urbana.

Os costumes privados, a utilização do tempo doméstico e da interacção entre as pessoas dentro das casas vai contribuindo, com uma importância económica e social



Bentito/Luanda 2007 © Claudio Silveira

crescente, e talvez positiva, para o equilíbrio da metrópole. A transformação do tempo doméstico em tempo de trabalho é uma das grandes bases da economia da nova cidade.

O controlo do que se poderá já chamar o sector doméstico entendido como um sector económico cada vez mais pujante, constitui uma das grandes novidades desde o fim do século passado. Luanda é disso exemplo. A internacionalização da vida doméstica tem como grande privilégio gerar hábitos e culturas mestiças numa percentagem significativa da população.

Sob o ponto de vista cultural, a habitação e a sua envolvente foram o marco onde se produziram as maiores transformações. A circulação de representações, passadas na televisão, de formas culturais diferentes tem vindo a gerar um sistema de identificação mais complexo e variado do que é habitual nas culturas sedentárias, pelo confronto dentro das casas com formas mais plurais. Cada pessoa pode "arquivar", seleccionar ou mesmo reproduzir aquelas formas (da natureza, da vida social, da cultura) que mais a atraem. Esta interferência, que abrange a população urbana de todo o mundo, onde cada vez mais a televisão chega, mesmo aos lares mais pobres, articula-se em expressões variadas com os sistemas tradicionais de valores, crenças e relações sociais intrínsecas às sociedades locais.

A enorme quantidade de variáveis indefinidas que entra neste jogo não pode ser resolvida com os mesmos instrumentos de controlo e gestão da cidade. É necessário avançar as vocações da megaciudadade e as estratégias em função delas. Estratégias dinâmicas que permitam criar guiões em fases sucessivas, que substituam os planos gerais e apontem para a necessidade de morfologias abertas, interactivas, em que os mínimos critérios,

ARQUITECTURA DOS SERVIÇOS EM PORTUGAL

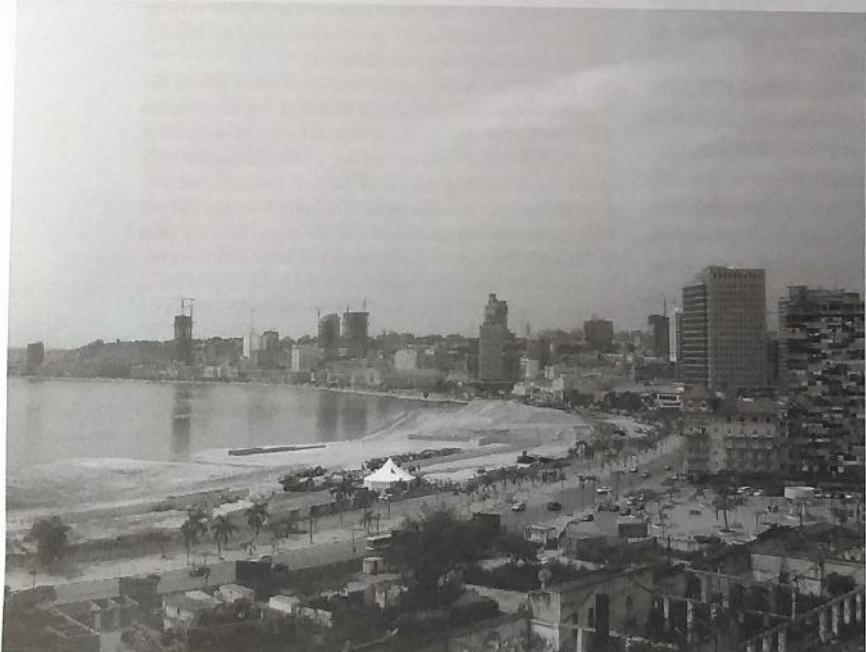
regras essenciais à procura do rigor, sejam as únicas leis que organizem o rápido crescimento e o processo que normalmente gera a passagem de um estádio urbano a outro.

Estes critérios não podem ser só critérios de desenho urbano, devem entender e integrar redes, malhas, movimento, no sentido de multiplicidades justapostas, como substância em si mesmo do projecto. Os lugares e as estruturas, a implementação de energias e recursos produzem-se capilarmente, a todos os níveis e em todos os estádios. Só uma interacção destes sistemas com a arquitectura, agindo simultaneamente como expressão dinâmica da mudança, podem dar lugar a uma cidade (e a uma arquitectura) compatíveis com as características do seu próprio processo. Processo com uma grande autonomia, no qual a directriz principal precede mais do seu próprio interior do que das exigências ou restrições estabelecidas. São energias que emanam do núcleo até aos limites exteriores. São elas que estabelecem as linhas configuradoras, gerando-se os novos espaços a partir da sua lógica própria e desde do enunciado das suas necessidades, muito mais do que a partir de um sistema de relações explicadas por condições pré-definidas.

Ironicamente, parece haver uma descoordenação entre as funções tradicionais e convencionais dos arquitectos em contribuir para uma mais-valia na racionalidade, economia ou bem-estar social. A clivagem entre arquitectos e sociedade é cada vez

and management instruments. It is necessary to assess the vocations of the mega-city and the strategies that result from them. Dynamic strategies that allow for the creation of guidelines in successive phases that replace the general plans and indicate the need for open, interactive morphologies in which the minimum criteria, the essential rules in striving for rigour, should be the only laws that organise this rapid growth and the process that normally generates the passing from one urban state to another.

These criteria cannot be those of conventional urban design; they must understand and integrate networks, grids, movement, in the sense of juxtaposed multiplicities, as the very substance of design. The places and the structures, the implementation of energies and resources are produced by capillary action, at all levels and in all states. Only the interaction of these systems with architecture, which simultaneously acts as a dynamic expression of the change, can give rise to a city (and to architecture) that is compatible with the characteristics of the process itself. A process that is highly autonomous, in which the main *leitmotif* comes more from within itself than from any established requirements or restrictions – like energies that emanate from the nucleus to the outer limits. It is they that establish the configuring lines, generating the new spaces on the basis of their own logic and their needs, much more than on the basis of a system of relationships justified by pre-defined conditions.



Luanda © JA



Luanda © JA

maior, e a cidade, a expressão real de um autismo profissional que nos obriga a conviver, penosamente, com uma onda de revivalismo da arquitectura clássico-eclética, própria da cidade capital do século XIX, assim como um revivalismo neo-racionalista, com repertórios ideológicos e linguísticos que têm como pano de fundo a ideia de que a arquitectura é capaz de fabricar e controlar a totalidade do ambiente, ocultando outros modelos e sem capacidade para imaginar e se deter na globalidade do que realmente acontece à nossa volta.

Como diz Júlio Teles Grilo, é difícil explicar aos outros como nós, arquitectos, somos parte financeiros, parte políticos, parte sociólogos, parte artistas, parte engenheiros, parte de muitas partes, mas nunca especificamente nenhuma e que todas as coisas são assim, como o pão que é farinha e fermento e água e sal, e no fim é pão. |

Ironically, there would seem to be a lack of coordination on the part of the traditional and conventional functions of the architect and contributing to improving rationality, the economy or social well-being. The divide between architects and society is growing, and the city is the real expression of professional autism that painfully obliges us to endure a wave of revivalism of classical/eclectic architecture typical of the capital city of the 19th century, as well as a neo-rationalist revivalism with ideological and idiomatic repertoires that are based on the idea that architecture is capable of fabricating and controlling the whole of the environment, concealing other models and lacking the capacity to imagine and think about the globality of what is really happening around us.

As Júlio Teles Grilo says, it is difficult to explain to others how we architects are part financial expert, part politician, part sociologist, part artist, part engineer – a part of many parts, but never one in particular – and that all things are that way, just like bread is flour and yeast and water and salt, and in the end is bread. |